

# **Dr. Michael Harbin, Justiça Social para Desajustados Sociais no Antigo Israel, Parte 4, Disposições para Viúvas, Órfãos e Residentes Estrangeiros [WORA]**

© 2024 Michael Harbin e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Michael Harbin em seu ensinamento sobre Justiça Social para Outliers Sociais no Antigo Israel. Esta é a Parte 4: Provisões para Viúvas, Órfãos e Residentes Estrangeiros.

Shalom, eu sou Michael Harbin da Taylor University, e estamos fazendo um estudo sobre justiça social e outliers sociais no antigo Israel.

Hoje, estamos olhando para a última seção, a quarta de quatro partes, e discutiremos viúvas, órfãos e estrangeiros residentes, incluindo as provisões que são fornecidas a eles. Até agora, olhamos para a estrutura geral do tecido social da nação de Israel após a entrega da Torá de Deus no Monte Sinai. No processo, notamos como eles se estabeleceram em aldeias cercadas por bases agrícolas, uma base da comunidade, e discutimos como esse layout teria afetado uma série de aspectos de sua sociedade com relação ao trabalho, relacionamentos familiares e normas sociais.

Definimos então o conceito de justiça social como um equilíbrio, concluindo que é um equilíbrio de duas coisas: duas perguntas. Estou carregando minha carga justa, os fardos, diretrizes prescritivas, e estou recebendo minha parte justa, os benefícios, que são diretrizes redentoras? E ambos são esperados. Então olhamos para a natureza da família extensa, buscando dentro dela um padrão geral da sociedade em termos de relacionamentos.

E olhamos para toda a situação da nação de Israel, e observamos que o tecido social é uma estrutura dinâmica que requer reparos regulares para manter sua força. Notamos como a morte, especialmente, pode deixar alguns indivíduos isolados sem uma comunidade de apoio. No processo, notamos que o texto aborda especificamente três categorias: viúvas, órfãos, realmente sem pai e estrangeiros residentes, que denotamos coletivamente como WORA.

Neste ponto, queremos olhar para provisões específicas que Deus forneceu para ajudar aqueles indivíduos. Sugerimos que as coisas que a WORA tinha em comum, que eles não tinham recursos agrícolas em uma cultura onde a maioria das pessoas era diretamente dependente desses recursos. Sem esses recursos agrícolas, a WORA exigia provisões especiais de justiça social.

Incorporando uma série de disposições de justiça social, o Antigo Testamento na verdade revela quatro programas especificamente destinados a esse grupo. O primeiro é o Levirate Marriage, o segundo é Gleaning, o terceiro é o Tithes e o Third Year Tithes, e o quarto é o Sabbath Year Garnering. Agora, veremos esses quatro em sequência.

Levirate Marriage. Já mencionamos que o primeiro programa de justiça social foi o Leverett Marriage. No entanto, o Levirate Marriage se aplicava exclusivamente a viúvas.

Aparentemente, especificamente viúvas ainda em idade fértil. A ideia era que um parente se casasse com a viúva com a intenção específica de produzir descendentes, que então cuidariam da viúva em sua velhice. Como tal, parece que se ela já tivesse filhos, era provável que um casamento Leverett não ocorresse.

Como o termo órfão realmente aponta para ser órfão de pai, parece que a viúva estaria vivendo com sua prole e tirando vantagem de outras provisões. Vemos vários exemplos de viúvas com prole no Antigo Testamento. Por exemplo, Hiram de Tiro foi um dos principais trabalhadores de Salomão na construção do templo.

Ele é descrito como filho de uma viúva. O termo aqui agora é uma mulher viúva. Este é um adulto; Hiram é um adulto que se tornou um hábil trabalhador do bronze.

Não nos é dito onde ele aprendeu sua habilidade, mas, aparentemente, ele sustentou sua mãe, como indicado pela declaração de que ele era filho de uma viúva. Em 2 Samuel 14, uma mulher de Tecoa foi trazida para confrontar Davi. Sua história era que ela tinha dois filhos.

O marido dela estava morto, e os dois filhos estavam trabalhando no campo, e eles tiveram uma briga. Um matou o irmão e, portanto, estava sujeito à execução, pois era considerado assassinato. Não está claro se foi uma situação real ou hipotética.

Mas mesmo que hipotético, Davi aceitou como plausível e fez um julgamento. Isso sugeriria que uma situação análoga existia na terra na época. A preocupação da mulher era que toda a família estendida estava fora e se levantou contra ela, exigindo justiça, isto é, compensar o falecido matando o outro irmão.

Ela temia perder seu herdeiro, que seria a pessoa que a sustentaria em sua velhice. O terceiro exemplo está em 1 Reis 17, onde Deus diz a Elias para ir a Sarepta, onde ele está passando por uma seca e fome. Havia uma viúva lá.

Ela é chamada de mulher viúva. Quando ele chegou lá, ele a encontrou juntando gravetos para fazer uma fogueira para assar sua última farinha em pão e que ela e seu filho comeriam dela e então morreriam. Não está claro se o filho era muito

jovem para trabalhar para sustentar sua mãe ou se ela poderia ter tido terras, mas não pôde trabalhar por causa da seca.

Mas, em todo caso, pela direção de Deus, sua tigela de farinha e jarra de óleo permaneceram cheias durante todo o período da seca. Posteriormente, o menino adoeceu e morreu, e Deus, por meio de Elias, criou o menino para sustentar sua mãe. A ideia básica parece ser que, se uma viúva tivesse filhos, era esperado que, embora ela pudesse cuidar de seus filhos enquanto eles eram jovens, ela, por sua vez, poderia esperar que eles cuidassem dela em sua velhice.

A premissa principal aqui é a expectativa de que a posse da terra da família seria retida pelo filho mais velho e, assim, quando ele tivesse idade suficiente, ele poderia trabalhar a terra e sustentar sua mãe. O princípio subjacente parece estar simplesmente na advertência de que as viúvas deveriam ser sustentadas. Naquela cultura, as crianças eram a principal fonte de apoio para os idosos, como observamos na Parte 1. Essa provisão era fornecida apenas se uma viúva não tivesse filhos e ainda fosse jovem o suficiente.

Então, isso se aplicava apenas a viúvas sem filhos que eram jovens o suficiente para ter filhos. Ou seja, a viúva era jovem o suficiente para ter filhos. A ideia é que o irmão do morto se casaria com a viúva.

Um pouco mais de contexto: Paulo fornece alguns comentários sobre esse conceito em 1 Timóteo 5, escrevendo a Timóteo; ele está aparentemente em Éfeso, uma grande cidade grega. Ele fornece uma visão mais urbana do princípio. Ele não aborda a questão da terra da família.

Em vez disso, ele começa com a diretiva inflexível de que os filhos ou netos da viúva idosa têm a responsabilidade primária de cuidar dela. Se ela não tiver filhos ou netos, então a igreja deve assumir algumas das obrigações de sustento. É isso que Paulo chama de lista.

Ele não parece abordar situações em que a viúva tem suporte adequado, mas pode-se inferir que, onde não havia necessidade, a igreja não tinha obrigação de supri-la. Hoje, parece que essas mesmas ramificações dos princípios básicos ainda se aplicam. A família tinha a primeira responsabilidade de sustentar os idosos, especialmente as viúvas, seguida pela igreja.

Então, ao olharmos para o conceito de casamento alavancado, o filho desse casal herdava o nome e a herança do primeiro marido da mulher. Então, essa seria a provisão do casamento levirato. Fornecido destinado unicamente à viúva que tinha filhos, mas não tinha marido.

As outras três disposições não tinham filhos nem marido. As outras três disposições parecem apropriadas para todos os três grupos. Viúvas de qualquer idade que não se casaram novamente, os órfãos de pai que provavelmente estão vivendo com suas mães viúvas e estrangeiros residentes desempregados .

Então, nossa segunda provisão é a coleta. Esta é a provisão primária para o WORA e é aplicada a todos os três grupos. A coleta é um processo antigo.

Envolve voltar por um campo ou pomar depois que ele foi colhido para encontrar produtos que os colhedores deixaram passar. Embora isso seja uma fração dos produtos colhidos, pode ser uma quantidade considerável. Eu observaria que, quando criança, a classe da escola dominical dos meus pais no sul de Indiana realmente saía e recolhia os campos de milho depois da colheita, embora tivessem colhedores mecânicos.

E então eles pegavam o suficiente para vender de volta ao fazendeiro. O fazendeiro pagava para eles ajudarem a fornecer dinheiro para a classe da escola dominical. Então, a coleta ainda está presente hoje.

Embora a única ilustração que temos no Antigo Testamento de respiga seja Rute nos campos de grãos, é essa imagem que vem à mente. O Antigo Testamento dá diretrizes não apenas para grãos, mas para todas as outras colheitas, mencionando vinhedos, Levítico 19, oliveiras e Deuteronômio 24, indicando que uma pessoa que respigasse teria múltiplas oportunidades durante a colheita, assumindo que houvesse fazendeiros que estivessem seguindo as diretrizes bíblicas. O princípio subjacente parece ser que o fazendeiro planejou uma margem intencional em termos de produção.

Embora seja difícil de implementar em qualquer cultura, Israel é geralmente considerada uma cultura subsistente, o que significa que o fazendeiro lutava para colher o suficiente para abastecer uma família por um ano. No entanto, Oded Borowski argumenta em seu livro, *Agriculture in Iron Age Israel*, que várias inovações durante a Idade do Ferro, entre aspas, resultaram em um grande excedente de alimentos, entre aspas. Biblicamente, a premissa subjacente era que se o povo demonstrasse confiança em Deus, ele forneceria o excedente.

Isso pode ser indicado pela situação de Boaz, que aparentemente permaneceu na aldeia que Elimeleque deixou por causa da fome, e aparentemente, Boaz prosperou. Embora a coleta agrícola esteja muito distante da maioria das pessoas hoje em dia, a ideia de desenvolver uma margem intencional para prover o futuro pessoal e compartilhar com os outros é facilmente acessível para a maioria. Proprietários de terras israelitas recebem diretrizes em Levítico 19:23 e Deuteronômio 24 projetadas para prover a maior oportunidade possível para os aspirantes a coletores.

Resumidamente, são os seguintes. Quando os proprietários de terras colhiam grãos, eles não deveriam colher até os cantos. O grão deixado padrão era destinado aos catadores, ou seja, para o WORA.

O texto não indica quanto de um campo foi deixado para ser colhido. A Mishná, o comentário sobre as práticas do Antigo Testamento pela comunidade judaica primitiva na época de Jesus, indica que um sexagésimo da colheita era considerado o mínimo. Também sugere que a provisão dependia de fatores como o tamanho do campo, o número de pessoas pobres e quão generoso o fazendeiro era.

Dois, se um colhedor deixasse cair um feixe, ele ou ela deveria deixá-lo para trás. Neste caso, o produto já teria sido colhido e amarrado. Então o colhedor tem este feixe de grãos e provavelmente carrega meia dúzia ou mais de volta para o local de armazenamento onde eles estão se preparando, preparando-o para transporte ou debulha.

E o colhedor provavelmente teria perdido um. Ele deveria deixá-lo lá. Nesse caso, o feixe deveria ser deixado no chão para que pudesse ser pego por um dos catadores.

Três, os colhedores não deveriam voltar procurando por produtos que tinham sido perdidos. Como observado, além dos grãos, oliveiras e vinhedos são especificamente mencionados, enfatizando como a diretriz de coleta cobria toda a colheita e não apenas os grãos. Em uma oliveira, embora as azeitonas geralmente amadureçam ao mesmo tempo, sempre haverá algumas que amadurecem mais tarde, e elas devem ser deixadas para trás.

Pensando nesses campos de milho, eu sempre ficava surpreso. Na verdade, até hoje, fico surpreso com quantos anos de milho você pode ver no chão se você andar por um campo de milho totalmente colhido, onde tudo está baixo. No caso dos vinhedos, a advertência era que se algum cacho de uvas fosse perdido, ou talvez ainda não estivesse maduro, eles deveriam ser deixados. No caso das azeitonas, os colhedores usariam gravetos para derrubar as azeitonas maduras, e haveria algumas que não cairiam, e elas deveriam ser deixadas. E então o catador poderia passar e colhê-las.

Quatro, dado o escopo do produto mencionado, parece claro que a diretriz de coleta cobria toda a colheita.

Agora, o que quero dizer com isso é que eles começariam com o primeiro grão no final da primavera, período de abril a maio, e trabalhariam com o trigo e depois com as outras safras, terminando com as azeitonas no outono. Então, a expectativa era que um catador fosse capaz de coletar mais do que apenas a cevada, o trigo ou as azeitonas, mais do que apenas para a necessidade atual. O catador teria o suficiente, embora provavelmente um pouco escasso, para preservar para a entressafra.

Se assim for, o catador também teria os mesmos problemas de preservação de alimentos que o fazendeiro. O produto deixado para trás fornecia uma oportunidade para os necessitados. Por exemplo, Levítico 19 menciona que eles devem reunir o resíduo para seu próprio uso.

É significativo que o processo de coleta tenha proporcionado uma oportunidade para os Wara coletarem alimentos de terras que não possuíam e para as quais não tinham participado da semeadura e do cuidado das colheitas. Mas eles eram obrigados a trabalhar para coletar esses produtos, bem como debulhá-los e, em seguida, levá-los para casa e processá-los. Dado o escopo das colheitas listadas, pareceria então que, com base no exemplo de Ruth, um dos Wara foi capaz de acompanhar a colheita da cevada em abril e maio até a colheita da uva e da azeitona no outono.

Vejo dois princípios subjacentes para consideração aqui. O primeiro é a ideia de uma margem planejada. Ao produzir, planeje mais do que você poderia usar.

Há dois aspectos nisso. O primeiro é que uma pessoa deve viver dentro de seus meios. Para os israelitas, viver em uma fazenda onde produziam a maior parte de sua comida significa que eles desenvolveram seus padrões alimentares com base no que tinham.

Ao mesmo tempo, eles planejavam as colheitas. Eles deveriam planejar colheitas adequadas para cobrir suas necessidades. E eles forneciam um dízimo que estava em ordem para incorporar um dízimo, então você teria crescido o suficiente para dar o dízimo e ainda teria o suficiente para viver.

Também exigiria que eles deixassem alguns para os Wara seguirem os colhedores. Hoje, a maioria de nós não vive em comunidades agrícolas, mas ainda podemos instituir uma prática semelhante. Pode ser necessário analisar o que seria necessário para fornecer um estilo de vida razoável para uma pessoa em nossa posição viver.

Aqui, precisamos reconhecer que todos nós tendemos a superestimar o que precisamos. Temos a tendência de confundir nossos desejos com nossas necessidades. Precisamos acrescentar o suficiente para dizimar nossa renda e ainda ter o suficiente para viver.

E então precisamos de algo extra para aqueles em necessidade. Depois de comparar isso com nossa renda, temos que fazer algumas escolhas. Podemos ter que juntar algumas dessas necessidades que temos, ou pode exigir explorar através da orientação de Deus maneiras de aumentar a renda.

Para o fazendeiro, expandir o que ele plantou pode ser necessário. Pode exigir a contratação de outro trabalhador. O ponto é que nós, os diretores, parecemos exigir preparação para poder dar.

Vamos ver. Já cobrimos isso. Precisamos trabalhar os dízimos.

Aplicado a todos os israelitas, eles eram obrigados a dizimar todos os seus produtos. Por definição, isso significa que eles deveriam devolver a Deus um décimo de sua colheita. Isso fica um pouco complicado.

A declaração inicial do requisito de declaração do dízimo em Levítico 27 prescreveu que o dízimo pertencia ao Senhor. Mas em Números 18, como isso é esclarecido e ampliado, mostra que os levitas representavam o Senhor neste caso como parte de sua herança nacional. O texto diz que o dízimo é para os levitas.

Números 18 afirma que três vezes o dízimo deveria ser dado aos levitas como herança. Isso explicaria por que havia 48 cidades levíticas espalhadas pela terra. Isso explicaria por que elas essencialmente se tornaram armazéns para os levitas, essas cidades.

No entanto, de acordo com Levítico 18, um dízimo da porção que foi dada aos levitas deveria ser dado como uma oferta ao Senhor. Parece provável que esta fosse a porção que seria comida na presença de Deus, embora uma opção fosse dada para semeá-la e comprar substituições nos lugares onde Deus escolhesse estabelecer Seu nome. Dada a quantidade de material, um dízimo corporativo completo de toda a nação, o quanto seria incluído, JA Thompson provavelmente está correto quando sugere que uma porção representativa seria levada ao santuário central para uma festa e o restante armazenado em cidades locais.

Se assim fosse, tudo além da refeição comemorativa deveria ser dado aos levitas. Eles depositariam na cidade de Deus. Então o dízimo da colheita é dado a Deus, o sacerdote serve como representante de Deus, uma porção é comida diante de Deus, e então o resto é armazenado em 48 cidades levíticas.

No entanto, a cada três anos, há uma situação diferente. Em vez de ter a celebração diante de Deus e dar o restante aos levitas, ele deveria ser armazenado nas cidades locais, Deuteronômio 14. A natureza desse dízimo do terceiro ano não é clara, mas parece fornecer produtos para a WORA, bem como para os levitas.

Novamente, pareceria ser armazenado em cada cidade local. Basicamente, pareceria que esses bens estariam disponíveis conforme a necessidade para a WORA naquela região, bem como para os levitas. Pelo que entendi, é provável que seja uma ideia de curto prazo, para salvá-los de uma situação difícil.

O texto afirma que seria considerado como grão da eira ou o produto completo do tanque da videira. Isso sugere que o produto era processado antes de ser dado e,

portanto, estava pronto para armazenamento e, portanto, para uso. Embora não seja ampliado, isso explicará por que o dízimo era dado a cada três anos.

Era para ser uma despesa de bem-estar para as viúvas, os estrangeiros e os órfãos. E é muito interessante, diz o texto, no estrangeiro e no órfão e na viúva que estão na sua cidade. Então, esta é uma direção para os levitas.

Ao contrário do aprendizado, não parece haver nenhuma exigência de que o destinatário trabalhe pelo que lhe foi dado. Como tal, a distribuição do dízimo do terceiro ano pareceria ser mínima, talvez uma ponte de curto prazo para cobrir uma necessidade temporária. A coleta já mencionada então forneceria um período mais longo, talvez servindo ao mesmo propósito do armazenamento de alimentos em uma casa regular.

Se for esse o caso, esse é um aspecto da justiça social que tende a se perder na discussão. O princípio aqui é muito direto. Deus esperava que Seu povo em Israel devolvesse um décimo, ou seja, um dízimo.

Para os israelitas, isso significava que uma parte da produção que eles cultivavam era dada aos levitas, que aparentemente a usavam para si mesmos como professores e guias de Israel e também para a WORA, conforme necessário. Curiosamente, o Novo Testamento não dá nenhuma orientação para a Igreja a esse respeito. Isso pode significar que se sentiu que o ensinamento do Antigo Testamento aqui era claro o suficiente para que nada mais precisasse ser dito.

Uma visão alternativa é que dar deveria ser baseado na liderança de Deus. Independentemente disso, o princípio de que uma parte do que ganhamos deve ser dada aos representantes de Deus de forma apropriada para apoiar aqueles que cresceram na obra de Deus e para apoiar aqueles em necessidade parece fundamentar todo esse princípio. Nosso quarto item é a coleta do ano sabático.

Esta é uma situação mais difícil. Primeiro de tudo, o ano sabático era o sétimo ano. No sétimo ano, os israelitas não deveriam plantar, cuidar ou colher.

Conforme desenvolvo em meu próximo comentário sobre Levítico, parece que eles eram obrigados a fazer outros trabalhos na fazenda, mas a terra e a chave é, o texto diz, a terra era para descansar. Os detalhes do ano sabático são difíceis de seguir. Eles são altamente debatidos.

Há três questões primárias que estão relacionadas. Primeiro, por definição e pelas instruções explícitas dadas em Levítico 25, o ano sabático era a cada sete anos. Esse é um ciclo de seis em um.

Seis anos de cultivo de safras, um ano de deixar a terra descansar. Segundo, o propósito do ano sabático era deixar a terra descansar ou prover para os pobres? Eu diria que o texto sugere que era para deixar a terra descansar. Embora, veremos que os pobres agora têm uma oportunidade de fazer algo que não poderiam fazer durante um ano normal.

Terceiro, ligado à segunda pergunta, os israelitas poderiam comer da produção voluntária do ano sabático? Levítico 25 parece dizer que não. Deixe-me reformular isso. Levítico 25, versículos 4 e 5 parecem dizer que não, mas versículos 6 e 7 parecem dizer que sim.

Com relação ao ciclo direto do sexto e sétimo ano, várias alternativas foram sugeridas, pois parece muito improvável na mente da maioria de nós que seríamos capazes de apenas descansar um ano inteiro e não ter nenhuma renda. A proposta aqui é que cada fazendeiro individual deixaria uma porção, um sétimo de sua terra, ou uma proposta é que cada fazendeiro individual deixaria um sétimo de sua terra em pousio a cada ano. E assim, ele teria sua terra dividida em sete partes e usaria seis seções diferentes a cada ano.

Outra perspectiva é que o conceito era realmente apenas um ideal que nunca foi feito. Provavelmente verdade, mas não acho que era isso que se pretendia. Uma terceira abordagem é que os fazendeiros faziam rodízio a cada ano para que apenas a terra de um certo fazendeiro ficasse em pousio em qualquer período de tempo específico, e então os outros tinham que contribuir e ajudar aquele fazendeiro.

Provavelmente o argumento-chave contra o sábado universal do sétimo ano é a ideia de praticidade. Um fazendeiro em uma vila poderia passar dois anos na colheita de um ano? Como uma coisa diz, dois outros fatores devem ser considerados. Primeiro de tudo, as instruções do ano sabático na passagem do Êxodo são seguidas imediatamente pelas instruções do sexto e sétimo dia para o dia sabático.

Isso sugeriria uma correlação na mente do autor. Seis dias de trabalho, um dia de folga. Seis anos de trabalho, um ano de folga.

Segundo, 2 Crônicas 36 afirma que a falha em observar o ano sabático foi um fator de causa para o exílio, pelo menos em termos de sua duração. É certo que o entendimento tradicional é difícil e impraticável, mas esse parece ser o ponto. O texto adverte o povo a não ficar apreensivo no sétimo ano porque Deus proverá provisões adequadas no sexto ano para levá-los até a colheita do oitavo ano.

Em outras palavras, as pessoas receberão um extra adiantado. Isso pode servir como um meio de reduzir a apreensão ou antecipação de não semear no ano sabático. Consequentemente, se elas não observassem o ano sabático, não era apenas uma falta de fé, mas um desafio geral, um desafio aberto a Deus.

Assim, parece provável aqui que Kuichi esteja correto quando afirma que o ano sabático deve ser, entre aspas, universal e simultâneo, estendendo-se a todos os campos em cada sétimo ano, fim das aspas. Em relação às perguntas dois e três que vimos aqui, vejamos. O propósito do ano sabático parece ser principalmente dar descanso à terra.

Isso teria automaticamente fornecido descanso ao fazendeiro e seus animais, já que eles não deveriam arar para semear ou colher. Um problema fundamental em entender o ano sabático como primariamente provendo para os necessitados é que ele era apenas um ano em sete, embora Êxodo 23 sugira que qualquer produto voluntário poderia ser colhido e comido. Levítico 25.6 permite que o fazendeiro participe também.

Então, parece que Gordon Wenham está correto quando a organização é, quando a chave é organizada, a colheita é proibida. Como tal, o aparente conflito entre Levítico 25:5 e 25:6 e 7, poderia ser resolvido observando que o princípio básico do sétimo ano era não ter negócios como de costume. Especificamente, durante o ano sabático, a terra descansava.

Todos deveriam colocar uma base igual de confiança na provisão de Deus, o que significa que o dono da fazenda e a WORA estavam em pé de igualdade. O ano sabático, como o dia sabático, servia para lembrar ao povo que Deus era o criador e seu provedor. Servia para lembrar ao povo que ele, os donos da terra, que a terra era de Deus, e eles a devolviam a ele no ano sabático.

Dizia que eles tinham permissão para andar, e se plantações voluntárias crescessem, eles poderiam colhê-las. Ao avaliarmos as disposições da WORA, parece que os dois conceitos-chave observados na parte um do estudo, que estavam incorporados na estrutura social e forneciam sua fundação, deram a cada um deles muito mais de sua força. Mas há um terceiro que emerge da estrutura religiosa comum da tradição.

Certo, onde estamos? Conforme discutido na parte um, a nação embrionária de Israel emergiu do Egito com uma estrutura social baseada em 13 tribos descendentes dos 12 filhos de Jacó. Quando o êxodo ocorreu 400 anos depois, essa estrutura familiar ainda estava basicamente intacta. Embora haja algumas ramificações.

Enquanto uma companhia mista saiu do Egito, na época da conquista, os outliers étnicos aparentemente tinham sido amplamente absorvidos pelas unidades tribais existentes. Observamos Caleb como um exemplo-chave. Embora não tão claro, parece que um processo semelhante ocorreu posteriormente com as tribos nativas que não foram erradicadas durante a conquista.

Por exemplo, por meio do engano, os gibeonitas preservaram sua existência e se tornaram servos da nação, servindo no altar de Deus. Sob Davi, Ismael, o gibeonita, foi um líder notável. Mais tarde, Melithiah, o gibeonita, é conhecido por ajudar Neemias a reconstruir o muro após o exílio.

Como tal, parece ter havido uma disposição por parte de Israel em permitir a assimilação, exemplificada por Rute. No entanto, com relação à assimilação, bem como à justiça social, seriam as unidades menores da hierarquia social que seriam importantes. O que diferenciava os dois grupos não está claro.

Josué 15, 19 parece mostrar divisão básica por clã, que parece incorporar famílias extensas. Isso sugere que o assentamento essencialmente colocou grupos de parentesco dentro de determinados locais, como a cidade e as aldeias. Embora claramente essa estrutura de parentesco fundamentaria a prática do casamento levirato e as responsabilidades de Goel, parece provável que também afetaria a prática da colheita em termos de localização, a prática de coleta e colheita em termos de localização e práticas associadas.

Por exemplo, quando Boaz deu instruções generosas ao seu administrador sobre a coleta de Rute, é tentador vincular isso a interesses românticos. Mas pode ser que ele estivesse ciente da responsabilidade de Goel, já que ele estava ciente de seu parente mais próximo. Dada a inter-relação de toda a aldeia, os laços familiares provavelmente teriam aumentado as pressões sociais em termos de conformidade e provisão.

Isso parece sugerir que a provisão para os Wara precisava ser feita em nível local, o nível da vila, onde havia conhecimento adequado para discernimento de como atender às necessidades que eles poderiam ter. A primeira parte também observou como uma fazenda individual em uma vila moderna de Kefr al-Maa consistia em várias porções de terra distribuídas pelos campos ao redor da área residencial. Parece que ter parcelas menores misturadas ao longo do solo cultivado promoveria, ousamos dizer, forçar a cooperação entre os fazendeiros.

No mínimo, dado o fato de que aparentemente não havia muros, a advertência para não colher até o canto do campo teria aumentado as oportunidades de coleta. O dízimo do terceiro ano é o nosso terceiro conceito de sustentação, que não é abordado na parte um. Enquanto era esperado que os israelitas dessem o dízimo a cada ano, durante aqueles dois anos, o dízimo era guardado, levado pelos, levado aos levitas em uma de suas 48 cidades levíticas.

Esta provisão deveria ser mantida localmente para fácil acesso. Esta provisão especial seria coletada pela comunidade em geral, comunidade em geral, retirando de sua colheita geral. É muito interessante que esta provisão especialmente deveria ser administrada pelos levitas.

Embora isso possa sugerir que um sistema religioso deva ser a estrutura em torno da qual a justiça social é construída, também deve ser notado que, quando estabelecido, o sistema levita era o único sistema nacional que Israel tinha. Então, durante o terceiro ano do dízimo, o dízimo era tratado de forma diferente, pois era colocado em um depósito para ser distribuído para aqueles que tinham necessidades especiais. À medida que a Torá estabelece o processo de governo para a nação de Israel, notamos esses três fatores que o apoiam: famílias extensas integradas, as parcelas de terra dispersas como parte do campo comunitário e os dízimos do terceiro ano.

Uma parte essencial destes fornece várias vertentes de justiça social. Quando resumido na declaração geral, você amará seu próximo como a si mesmo; o conceito é explicitado nos últimos seis dos Dez Mandamentos, que governam os relacionamentos. Mas a Torá vai além disso quando reconhece as fragilidades humanas em um mundo caído.

Embora seu tecido social tenha sido projetado para dar suporte a todos os membros da sociedade por meio de relacionamentos, incluindo famílias extensas e comunidades inter-relacionadas, ele também forneceu a Israel meios pelos quais as tragédias da vida poderiam ser amenizadas. Na maior parte, esse tecido social fornece limites e proteções para toda a sociedade israelita. Mas a Torá dá uma nota especial sobre os excluídos na borda desgastada da sociedade que podem ter necessidades especiais, fornecendo uma rede de segurança especial para as três categorias de pessoas que historicamente tendiam a ser abusadas, como as chamamos, a WORA.

Este estudo explorou como várias disposições especiais foram feitas para a WORA em relação ao pano de fundo das normas sociais da sociedade agrícola do bronze tardio. No processo, notamos um equilíbrio em suas disposições. Três disposições foram aplicadas a todos os três grupos.

Dois exigiam que o destinatário trabalhasse para se beneficiar da assistência. No caso da coleta, ele ou ela tinha que sair para o campo e trabalhar para trazer o produto. O mesmo é verdade no caso da coleta do ano sabático.

Ao mesmo tempo, uma segunda observação é que a provisão precisava ser feita para necessidades emergenciais de curto prazo. E o dízimo do terceiro ano parece ser uma despesa de bem-estar na cidade local, onde a comida era armazenada para distribuição àqueles que tinham uma necessidade repentina de curto prazo. Eles seriam distribuídos pelos levitas.

Não parece haver obrigações com relação a essa provisão, mas como seria o dízimo de apenas um em cada três anos, parece que não foi designado para grandes

distribuições. Uma terceira observação pode ser que uma parte significativa da estrutura de justiça social exigiria uma margem intencional por parte da comunidade em geral. Ou, para colocar em termos contemporâneos, viver abaixo de suas possibilidades para fornecer um excedente para compartilhar.

Para Israel, o fazendeiro precisaria plantar grãos suficientes, por exemplo, para que uma colheita normal fosse suficiente para ele e sua família e, ao mesmo tempo, ter o suficiente para um dízimo e, então, sobrar bastante para quem pudesse recolher. Isso seria um equilíbrio para a exigência de que a WORA colocasse o esforço ou o fardo para acumular o benefício. Mas também antecipou que Deus daria ao fazendeiro o benefício em resposta ao seu esforço ou ao seu fardo.

E uma quarta observação é que a justiça social estava inserida no nível local. No caso de uma viúva e um órfão, a pessoa estaria vivendo na vila antes do marido ou pai falecer. É improvável que a pessoa tenha deixado a vila.

Também é provável que a família extensa tenha tido um papel significativo a desempenhar no enfrentamento da situação. No caso do dízimo do terceiro ano, o nível local era a cidade levítica mais próxima. Todos esses fatores indicam que, em essência, vemos vizinhos ajudando vizinhos, não apenas alguém que morava ao lado, mas alguém que eles realmente conheciam.

As provisões do Antigo Testamento para mentirosos sociais que examinamos foram dadas como parte de uma estrutura social e contexto histórico específicos. Especificamente, elas eram orientadas para uma sociedade agrária extremamente homogênea, muito diferente da nossa. Elas também focavam na ação comunitária, em grande parte dentro de uma população inter-relacionada.

Eles também construíram um único sistema religioso no qual se esperava que toda a comunidade participasse. Ainda assim, mantendo essas disposições em mente, os princípios subjacentes observados poderiam servir como um trampolim para o desenvolvimento de disposições contemporâneas de justiça social.

Este é o Dr. Michael Harbin em seu ensinamento sobre Justiça Social para Outliers Sociais no Antigo Israel. Esta é a Parte 4: Provisões para Viúvas, Órfãos e Residentes Estrangeiros.